

LE CLÉZIO, J.M.G. *O africano*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Ganhador do Prêmio Nobel de Literatura deste ano, Jean-Marie Gustave Le Clézio, autor de *O africano*, é formado em Letras Francesas. Aos 68 anos, o escritor já publicou mais de 30 livros, sendo o primeiro quando contava com apenas 23 anos – *Le Procès-verbal*, com o qual conquistou o prêmio literário Renaudot. Nascido em Nice, em 13 de abril de 1940, mantém forte ligação com a terra natal de seus pais, as ilhas Maurício, que foram colônia da França.

*O africano* é a narrativa de uma viagem à África, iniciada em 1928, e que se prolonga até muito depois da Segunda Guerra Mundial. O narrador refaz o caminho percorrido pelo pai de Le Clézio, durante 22 anos, enquanto exerceu a profissão de médico militar. Desde sua impressão sobre “o corpo” até suas conclusões sobre “o esquecimento” (primeiro e último capítulos do livro, respectivamente), o narrador busca reconciliar-se com o pai, que presenciara as diversas violências sofridas pelo povo africano, fato que o tornou bastante rigoroso. Violências do corpo mal vestido (quando não nu), dos insetos agressivos, dos temporais que castigavam tanto quanto o clima árido, o canibalismo, a fome, e a pior de todas: o esquecimento do colonialismo.

As colônias inglesas no continente africano tiveram sua liberdade roubada e substituída pela opressão, em uma terra onde o pai do narrador criou laços de amor pela natureza e pelo povo e que se tornou “por força e por necessidade, sua terra verdadeira” (p.65). Não obstante, o narrador constatou com um sentimento de fracasso e pessimismo que, tal qual o colonialismo, a prática da medicina se transforma em mais uma expressão ocidental de imposição colonialista. Lembra ainda como ele e seu irmão destruíam cupinzeiros, considerados lugares sagrados, uma violência que parecia sem sentido aos olhos africanos.

Anos depois, percebendo que recebera ainda no útero um sentimento de pertencimento à África, o narrador assiste à situação atual da “sua terra” ao lado do pai, e ao vê-lo aos seus setenta e dois anos com lágrimas nos olhos devido à situação das mães africanas, lembra o começo do poema de Chinua Achebe, “Mãe num campo de refugiados”: “Não, não há Virgem com o Menino que se possa igualar / Ao quadro da ternura de uma mãe / Para com este filho que em breve ela terá de esquecer” (p.117).

A conclusão do narrador é que, tal qual seu pai tornou-se o Africano, por força do destino, ele também, através de sua mãe “africanizada” e todo o amor por ela transferido, pode tornar-se um africano. A analogia é à humanidade, significa que qualquer um pode ser africano, ou seja, mais humano. No entanto, isso é mais difícil dependendo de quão “humanos” são os pais, pois como afirma no início do livro: “Todo ser humano é um resultado de pai e mãe.”

A narrativa mistura traços autobiográficos e ficcionais, intercalados por fotografias com algumas inscrições paternas, mapa proveniente do arquivo do autor, lembranças de relatos da mãe, poucas palavras do pai e a análise da personalidade deste, o que se torna o intento maior do homem que agora narra. Também questiona a própria compreensão da sua experiência africana, expressando algumas dúvidas frente a sua visão infantil, que sempre via o mundo e as coisas maiores do que pareciam ser. A narração transpassa a História do século XX enquanto tece a história da família do narrador. O autor escreve com clareza, por meio de uma forma que parece simples, ao mesmo tempo em que constrói novas compreensões e emoções para expressar suas idéias com autenticidade.

*O africano* é dirigido à sociedade ocidental, como tentativa de lhe abrir os olhos e o coração para as culturas menos favorecidas. Pode ser utilizado como um arcabouço teórico da Antropologia, visto que analisa o ser humano no seu âmago e contrasta as ambivalências sociais do século passado, apontando possíveis causas para as naturezas antagônicas dos continentes europeu e africano e a tentativa de compreensão das identidades social e individual. A História também encontra um material interessante de pesquisa no que tange ao colonialismo britânico e francês. A Geografia pode valer-se das descrições dos lugares por onde o médico passou, inclusive, criando seus próprios mapas. A Etnografia encontrará uma rica fonte de pesquisa de costumes, vestimentas, rituais e festas típicas das aldeias africanas visitadas pelos pais do narrador. Enfim, todo estudo que visar a “africanidade” em seus diversos sentidos, especialmente ao que se refere à comunhão com a terra e com os irmãos que o povo africano mantém até hoje, encontrará neste livro referência.

A obra é de extrema relevância num momento histórico em que se intensificam as discussões sobre preconceito racial, relações de dominação, questões de classe, o materialismo do Ocidente, e a “desumanização” do chamado ser humano. O livro tem ótima edição pela Cosac Naify, encadernada e com páginas negras que valorizam o tema e introduzem o leitor no mundo das memórias de Le Clézio.